

Retirados da mata os sobreviventes do Cessna 170, 13 nov. 1960

Do enviado especial

O Estado de S. Paulo, 13 nov. 1960

VILHENA, 11 – Às 15 e 40 de hoje, quando um helicóptero L-19 da FAB pousou na pista do aeroporto de Vilhena, teve fim uma dramática aventura. No helicóptero vinham os dois sobreviventes do PT-AOO, Cessna-170, que caiu em plena floresta do norte de Mato Grosso, a 24 de outubro. Os protagonistas desta aventura foram o piloto Miguel Severiano, natural de Paquetá, e José Guedes, paraibano, comerciante de diamantes em Corumbá.

Nesse serviço, o Serviço de Buscas e Salvamento da FAB fez mais de 100 horas de voo, com gastos superiores a 50 milhões de cruzeiros, em que foram empregados aviões de todos os tipos, desde simples monomotores até superfortalezas voadoras, para localizar os desaparecidos.

Miguel Severiano e José Guedes trajavam ainda os macacões que lhes foram lançados ontem, nos pacotes de paraquedas, tendo a pele toda mordida de insetos.

Chegava, assim, ao fim um drama que, para eles, durou nada menos que dezenove dias, durante os quais percorreram a pé quase oitenta quilômetros de mata virgem, pantanais e grandes extensões de cerrados. Quase não dormiram e passaram quinze dias sem comer.

Refeitos parcialmente das emoções iniciais da chegada a Vilhena, em conversação com seus salvadores, Severiano e Guedes contaram pormenores da sua aventura. O PT-AOO saíra no dia 24 de outubro de Cuiabá. Três horas e meia depois, com escassez de gasolina nos tanques, havia perdido o rumo de Vilhena. Em desespero de causa, procurou um lugar onde pousar e escolheu uma clareira na mata. Pousou, mas, quando ia parando, o avião capotou. Sem rádio, o único recurso dos sobreviventes era esperar até que viessem procurá-los.

Com três sanduíches, um pedaço de salame, três caixas de fósforo e uma arma calibre 44, esperaram junto à carcaça do avião sete dias. Depois do terceiro, acabou a comida. No oitavo dia, como não aparecesse nenhum avião, nem ser humano algum nas redondezas, fizeram uma prece e iniciaram marcha em várias direções, à procura do rio que avistaram pouco antes de cair.

Decidiram pelo rumo sudoeste, procurando atingir a linha telegráfica que os levaria a algum povoado. Seguindo as margens do rio, encontraram apenas os pantanais e a mata, sem conseguir qualquer alimento.

Finalmente, no 17º dia, avistaram o B17 da FAB e fizeram uma fogueira, para atrair a atenção dos tripulantes. As turmas de salvamento lançaram alimentos e ontem levaram ao local um médico, que pernoitou com os dois sobreviventes, prestando-lhes os primeiros socorros. Na manhã de hoje, os três homens abriram a clareira que tornou possível o pouso do helicóptero.

Tão logo chegaram a Vilhena, foram ambos conduzidos ao ambulatório médico.

HERZOG, Vladimir. “Retirados da mata os sobreviventes do Cessna 170”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 nov. 1960, p. 9, c. 2.